

EDITORIAL



AS CONQUISTAS ESTABELECIDAS pelos estudos da paisagem no cenário acadêmico do Brasil revelam a distinção, a pluralidade e a relevância de uma temática que, entre outras contribuições, excede às exigências de uma matéria tradicionalmente examinada através das relações firmadas entre natureza e a cultura por diferentes sociedades através do tempo.

Constata-se que o surgimento de teorias, o aprimoramento de conceitos e o ordenamento de metodologias desenham territórios fluidos e dotados de potência teórica de saberes sobre o que denominamos de

“domínios da paisagem”. Nesse fecundo terreno, estudiosos envolvidos com a pesquisa e a reflexão exercitam a leitura e interpretação de múltiplos processos que, para dizer o mínimo, permite a revisão de fundamentos que demarcam o ambiente acadêmico no qual os estudos da paisagem se consagraram.

Tal reposicionamento permite pensar a paisagem para além das formas fixas definidas por antigos padrões, emergindo deste processo a problematização derivada da incorporação de vozes dissidentes, de práticas de pesquisas experimentais e da sobreposição de abordagens científicas transdisciplinares traduzidas pela inventividade e flexibilidade resultantes de uma zona reflexiva vasta e porosa. O aperfeiçoamento desses pensares representados por sólidos conteúdos teóricos, pelo incremento conceitual e pelo avanço no entendimento das complexas relações entre corpo e paisagem auxiliam a (re)interpretar experiências sensoriais, padrões morfológicos e limites físicos analisados – à luz do cotidiano dos ambientes construídos – como resíduos que equivalem ao *modus vivendi* dos seres vivos.

A carne e a pedra, o orgânico e o artificial, as forças atmosféricas ou o movimento calculado de uma máquina manifestam a essência de elementos e ações que fecundam mundos, moldam territórios, produzem culturas e fortalecem o tônus de sociedades inteiras na invenção de suas respectivas paisagens através do trânsito de tempos-espacos específicos. Diante de tal premissa, acreditamos que se torna impossível passar incólume, ou mesmo menosprezar qualquer resíduo ou artefato que pertença ao transcurso da história e da vida, no seu sentido universal, manifesta nos ambientes através dos quais o ser humano constrói sua existência.

As pesquisas influenciadas pelas Ciências da Terra ou ligadas pelo viés ambientalista, os elos tradicionais adotados pela práxis da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo e, ainda, o intenso e extenso diálogo entre estética e artes visuais desenhavam, até bem

pouco tempo, um cenário discursivo que abrigava um proveitoso debate. Recentemente, estes fluxos teóricos não imprimiam mais a mesma dinâmica ao debate porque, afinal, a turbulência gerada pelo embate das ideias derivadas do tecido teórico-conceitual – que confere forma e conteúdo à paisagem – reivindicou a inovação argumentativa e esta, por sua vez, solicita a formulação de zonas de conhecimento que atravessem territórios e rompam fronteiras de campos disciplinares distintos.

Há também que se pensar acerca da produção de trabalhos científicos, estruturalmente localizados em determinados nichos acadêmicos. Apesar de se mostrar vigorosa, essa produção não mais representa o enclave epistemológico onde termos e conceitos como *natureza*, *ambiente* e *paisagem* se estabelecem com a necessária distinção e na mesma direção, o que, e somente isso, possibilitará o diálogo entre campos disciplinares distintos que se debruçam sobre a articulação teórica em tela.

Novos arranjos teóricos têm contribuído para o surgimento de conteúdos ideativos cuja força inventiva possibilita construir materialidades e concretudes capazes de revogar, ativar, atualizar e redimensionar convicções pré-estabelecidas sobre os estudos e pesquisas da paisagem. Desse modo, os vetores que surgem na esteira da transdisciplinaridade favorecem a compreensão de processos e dinâmicas de ajustes, inovação e invenção de saberes que se aplicam na atualidade aos estudos dessa matéria.

Além disso, consideramos que a suspeição se instala por uma visão hierárquica no plano disciplinar e, por sua vez, altera o tratamento das noções de *natureza*, *ambiente* e *paisagem*; a visão não hierárquica surge como um incentivo a uma leitura não-associativa, não-complementar e não-universal que, em linhas gerais, traz no seu bojo questões que afetam de forma positiva a ortodoxia que em parte ainda vigora na forma como essas matérias são tratadas, desestabilizando-as em prol de uma reordenação propositiva.

Os caminhos que se deslindam para pensar a extensão dos estudos da paisagem, notadamente no campo ampliado, têm em vista pontos que perpassam acordos socioespaciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros tantos. Alguns, por hora, ainda deslizam em formulações de hipóteses e teses acadêmicas; outros, permancem, por enquanto, no território do inaudito e, naturalmente, estão por surgir.

Nessa ordem propositiva, os questionamentos que florescem nos ambientes universitários, necessariamente, não mais assumem os referenciais associados à ideia de homem-versus-natureza. Tal dicotomia, não se revela como esteio de sustentação ou mesmo determina o centro nervoso da questão. O fato é que, hoje, parcelas essenciais para refletir o que aproxima ou distancia a sociedade da natureza – ou vice-versa – deslocam o eixo do debate para um elenco questões direcionadas a abordagens que perpassam por temas vinculados, por exemplo, a discussão sobre *biopoder*, sobre o *pós-humano*, o *universo virtual*, a *trans-localidade*, e outros para onde se desloca o debate contemporâneo, onde novos campos de interesse comum o inundam.

Considerando o contexto aqui exposto e a amplitude de um campo disciplinar sui generis como a paisagem, afirmamos que há uma real necessidade de espaços para o aprofundamento do estudo dessa temática. A circulação de saberes e o compartilhamento de ideias a partir da epistemologia de diferentes áreas de conhecimento precisam ser estimulados para o enfretamento de questões que acima indicamos.

Com vistas a atender a esse propósito, a *Revista Paisagens Híbridas* surge como um novo veículo acadêmico para promover a criação de um ambiente onde sejam formulados diferentes critérios analíticos que não somente têm o interesse de estimular os enfrentamentos de questões relacionadas a essa temática, mas conduzam com inventividade e originalidade a produção de instrumentais teóricos, conceituais e metodológicos para avançar na construção desse campo de debate.

A nova revista também se apresenta como um espaço para o registro das múltiplas ordens reflexivas que giram em torno de eixos temáticos considerados aqui, essenciais para pensarmos os hibridismos que se manifestam na formação dos cotidianos da sociedade a partir de uma visão emoldurada pela trans-historicidade, pela trans-culturalidade e pela trans-espacialidade.

É importante ainda destacar que a *Revista Paisagens Híbridas* é o resultante de trabalho dedicado aos estudos sobre a paisagem desenvolvido há mais de quatro anos pelos pesquisadores ligados ao grupo de pesquisa Paisagens Híbridas, que têm por objetivo apresentar ao leitor aspectos expressivos das pesquisas realizadas no Brasil e no exterior com foco nas questões vinculadas à construção do cotidiano daquilo que configura o tecido social, tendo por fundo a observação de como ele se movimenta nos cenários naturais e artificiais que constituem o mundo.

Sobre o grupo de pesquisas Paisagens Híbridas, destacamos que o mesmo é vinculado à Escola de Belas Artes/EBA-UFRJ e tem como eixo central de seus debates as dinâmicas produzidas pelo encontro entre cultura e natureza, analisando os processos de materialização e as manifestações de caráter híbrido sobre o ambiente. Considerando essa matriz, estruturam-se seis eixos temáticos que desenham e redesenham possibilidades interpretativas. São eles: *Domínios da paisagem – imagem e ideologia; A cidade como artefato: arqueologia; paisagem e patrimônio; Dinâmicas Urbanas: a arte da representação e interpretação das metrópoles; Identidades paisagísticas de cidades amazônicas; A forma-jardim: cultura artística e visual na paisagem;* e, por fim, *Paisagens fúnebres: lugares de dor, luto e memórias paisagísticas.*

A partir da estruturação destes eixos temáticos foram propostos seminários, simpósios e colóquios visando dimensionar a natureza do conhecimento das áreas envolvidas e identificar as singularidades de suas respectivas tradições e trajetórias teórico-metodológicas. No

percurso desse processo, conseguimos identificar as aproximações conceituais e as práxis pertinentes a cada campo disciplinar, com o objetivo de promover a aproximação de valores e de padrões ideológicos que permitissem interpretar estas paisagens culturalmente produzidas.

Considerando o viés híbrido que demarca a estrutura do grupo de pesquisa, o número de abertura da *Revista Paisagens Híbridas* formulou um dossiê cuja abordagem temática parece pouco convencional, na medida em que, afinal, demarcamos simbolicamente o nascimento de uma revista abordando uma temática antagonista ao advento do nascimento, relacionada à ideia de finitude, perecimento, extinção, perda, aniquilamento. Portanto, a morte foi o tema selecionado para que os ensaístas convidados pensassem inúmeras possibilidades capazes de refletir as relações, no cotidiano, de uma paisagem onde o fluxo e o pulsar da vida são alterados pela instalação do fim, enunciado pelo espectro da morte, de todas as coisas.

Portanto, o leitor perceberá, no mosaico de textos que formam o número de abertura da nossa Revista, como as visões sobre vida e morte são amplamente moldadas pela trans-historicidade e transculturalidade, que operam um desenho dos cotidianos da paisagem marcado pela transversalidade que referenciam os olhares de um corpo social que ainda rejeita ou, no mínimo, têm limitações de compreender e elaborar o fim da existência da vida no mundo.

Os Editores desejam uma excelente leitura.

Rubens de Andrade
Jackeline de Macedo
Editores

Novembro | 2018

